

GOODMAN, Martin. *Rome and Jerusalem: the clash of ancient civilizations*. Londres: Penguin Books, 2008. 639p.

## O cruzamento das histórias de dois povos

Archibald Mulford Woodruff\*

Goodman já é o autor de um livro que tem sido importante para biblistas brasileiros durante vários anos: *A classe dirigente da Judéia: as origens da revolta judaica contra Roma 66-70 d.C.* (Rio de Janeiro: Imago, 1994, Coleção Bereshit). A editora deste novo livro nos informa que ele é sócio (*fellow*) do Oxford Centre for Jewish and Hebrew Studies e que já foi professor de História Romana. Goodman esteve no Brasil em novembro de 2008<sup>1</sup>.

O novo livro impressiona pela envergadura, acompanhando a história romana desde o fim das guerras púnicas até a Idade Média e a história judaica ao longo do mesmo período, repleto de referências a fontes primárias e munido com referências selecionadas à literatura crítica. Eis uma síntese que só pode ter sido escrita a partir de muitos anos de estudo dos dois povos.

Quem trabalha com o Novo Testamento e as origens cristãs tende a considerar o primeiro século como o século de origens. O nosso Jesus caminha na terra, o cristianismo nasce, o judaísmo rabínico também nasce ou vai nascer. Mas a síntese de Goodman leva o leitor a outra perspectiva. No início deste período o povo judaico era bem aceito e até privilegiado; seu Herodes era um esteio do império, seu templo estava em pé, seu sábado era conhecido e aceito, seus receios religiosos eram aceitos porque os romanos sabiam que, se sua religião fosse respeitada, os judeus seriam leais. No final deste período, os judeus eram um povo vilipendiado, de párias, numa situação da qual nunca

---

\* Professor de Literatura do Mundo Bíblico no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

<sup>1</sup> Debate realizado no dia 25 de novembro de 2008 durante o IX Seminário de Estudos de Apocalíptica, na Universidade Metodista de São Paulo.

mais, até hoje, se recuperariam. Afinal, foi um século de desgraças. O problema do livro é: como estas desgraças chegaram a acontecer?

O livro surpreende especialmente ao tratar de dois imperadores, Vespasiano e Hadriano. Goodman retrata as situações políticas que eles enfrentaram. De acordo com ele, Vespasiano enfrentou um problema de legitimidade. Como um militar entre outros, a ele tinha sobrado a função de botar ordem numa situação de golpe sem volta e falta de liderança adequada. A solução era tirar o máximo proveito de sua vitória na Judéia, que não teria sido uma vitória tão importante sob outras circunstâncias. Daí (a análise de Goodman continua), várias agressões desnecessárias e o *show* de “triunfo” de Tito em Roma e a cunhagem de moedas com o motivo “*Judea capta*”. As moedas, circulando pelo império, comunicaram certa humilhação e má fama dos judeus. Esta história de Vespasiano e Tito no livro de Goodman é uma bomba e é apoiada por um acúmulo de muitas informações. Fica desmentida a noção de um povo judaico sempre rebelde e anti-romano. Os flavianos precisavam do mito de um judaísmo fanático e intratável, e o mito foi criado.

Hadriano era filho de outro século e de outro etos. De acordo com Goodman, este imperador não ambicionava grandes conquistas, mas queria um império tranquilo e bem ordenado. Por isso construiu muralhas, e por isso quis substituir uma província “normal” (“normal” para ele) pela anômala *Judea Capta*. Com isso, vem uma segunda bomba no livro de Goodman, ainda maior que a primeira: Jerusalém foi desjudaizada *antes* da rebelião de Bar Kochba. Muitos de nós acreditávamos que a fundação de “*Aelia Capitolina*” no sítio de Jerusalém, onde circunciso não entrava sob pena de morte, era uma punição imposta *depois* da rebelião de 132-135. Tal fundação provocou a rebelião. Cai por terra a noção de judeus impossíveis rebelando-se por motivos fúteis e messiânicos; quando os judeus estavam sendo forçados a se retirar de sua terra para dar lugar à província “normal” de Hadriano, uma reação armada não era um excesso, mas o esperado.

Um livro com esta envergadura não responde todas as perguntas que se pode ter sobre a relação entre romanos e judeus; em certos momentos até decepciona, sempre sobre assuntos distantes do enfoque principal. Para este autor, o antirromanismo quase não existia antes das gestões de prefeitos incompetentes que antecederam a revolta. Se alguém diz, “Você concorda, sim ou não?” a resposta precisa ser “sim”. Mas o assunto pode ser matizado. A complexidade da questão, numa situação colonial, deve se assemelhar à complexidade do antiamericanismo no Brasil. O que é um antirromano, e o que é um antiamericano? Se um antirromano é uma pessoa que defende a substituição dos partas pelos romanos, antirromanos deste tipo devem ter sido muito poucos e muito quietos. Tampouco, no Brasil que o presente resenhista (americano)

conheceu ao aqui chegar, em 1987, havia antiamericanos que preferiam os japoneses aos americanos. Se um antirromano é uma pessoa que se sente invadida pela presença com a presença de símbolos e modos da outra nação, é bem provável que este sentimento existisse. Alguns latinismos no evangelho de Marcos parecem destinados a provocar a reação, “Ih, que romano!” (Este resenhista defenderá esta afirmação com detalhes numa futura publicação.) Semelhantemente, se um antiamericano no Brasil é alguém que se sente invadido pelo excesso de inglês e pelos modos norte-americanos, o sentimento encontra expressão, sem dúvida, embora sem a amargura de alguns outros países latinos. Se um antirromano é alguém que gostaria de ter Herodes Antipas em vez de Pilatos, mesmo tendo que pedir a César este privilégio, é possível que alguns fossem desse jeito; e se um antiamericano é alguém que quer uma política econômica mais nacionalista ainda dentro das mesmas relações internacionais, esse sentimento não falta. Será preciso a história das relações coloniais ser escrita nos países que mais viveram estas relações?

Finalmente, haveria alguns grupos mais antirromanos, entre eles os autores do Rolo de Guerra (1 QM) de Qumran, em que os Filhos das Trevas se chamam Kittim e tinham um jeito militar próprio dos romanos. Trata-se de uma atitude que deve anteceder as tensões coloniais da época da revolta e pode remontar aos tempos dos macabeus que (reza 1 Macabeus) solenizaram uma “amizade” com os romanos contra os selêucidas e (por algum motivo) ganharam a hostilidade do Mestre de Justiça, fundador da comunidade da biblioteca de Qumran.

Outra área periférica na grande tela deste livro é a evolução da separação entre cristãos e judeus. Os pesquisadores mais voltados a esta questão têm muito a oferecer e podem matizar bastante esta questão tão dolorida.

Estas observações não constituem uma crítica séria. Ele escreveu *este* livro e não outro, e o livro que escreveu vale ouro.

Mais ainda: este livro e seu autor correspondem a uma necessidade para os pesquisadores desse período. Alguns intérpretes do Novo Testamento escrevem muito sobre seu contexto judaico, pesquisando pseudepígrafes, Qumran e o Talmude; outros escrevem sobre o “helenismo”, pesquisando a cultura grega. E o contexto romano? Ou melhor, a parte romana do contexto greco-romano? Muitas informações sobre a cultura e as instituições romanas são garimpadas por pesquisadores do Novo Testamento, mas como informações avulsas. Falta uma sistematização que ajudaria na avaliação dessas informações, e falta ainda um bom livro que possamos recomendar a nossos alunos para introduzir o assunto geral. Parece que os estudiosos ainda escrevem para leitores que não podiam chegar à universidade sem saber o que eram as guerras púnicas, e a época desses leitores já passou.